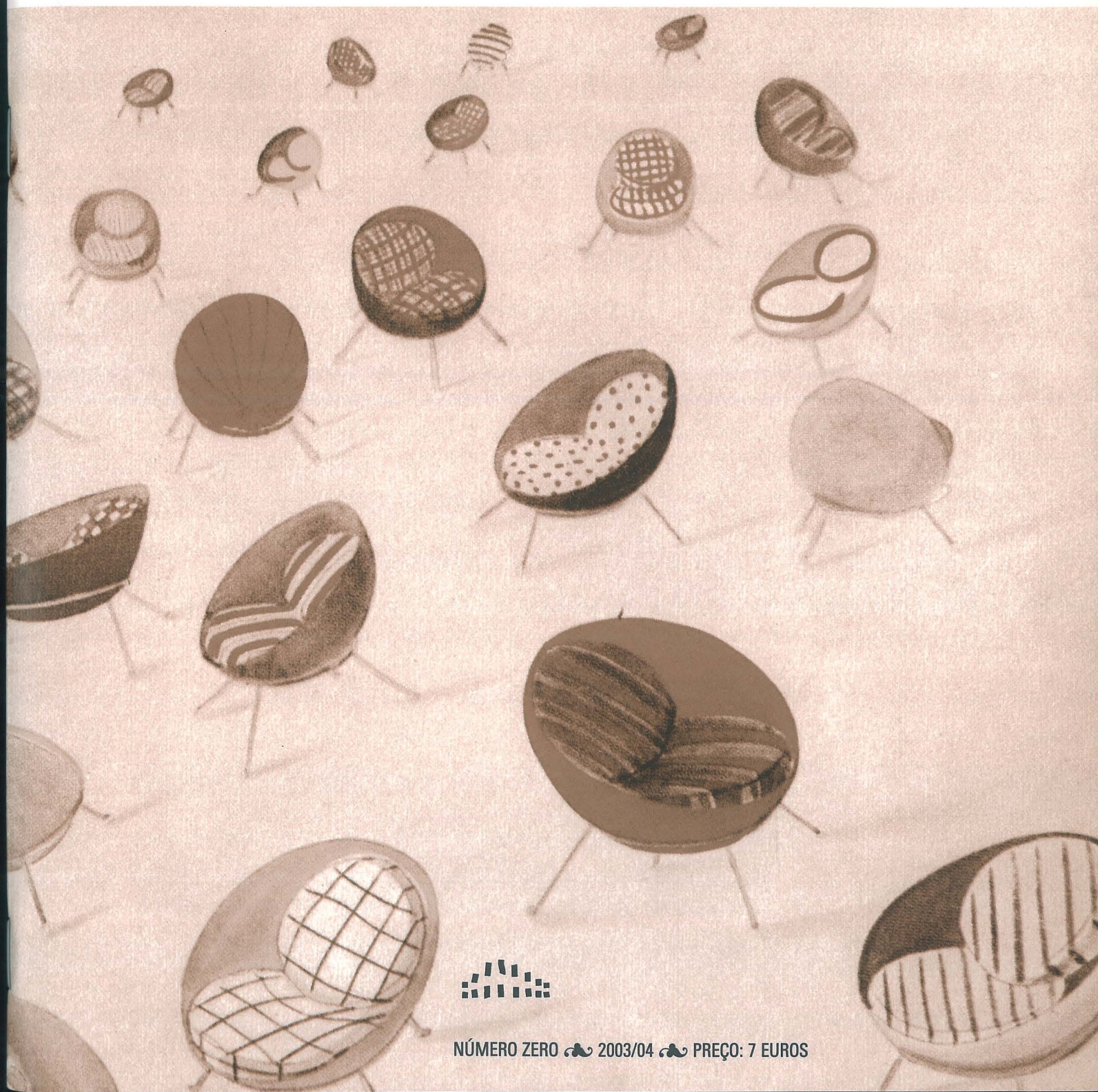


Laura

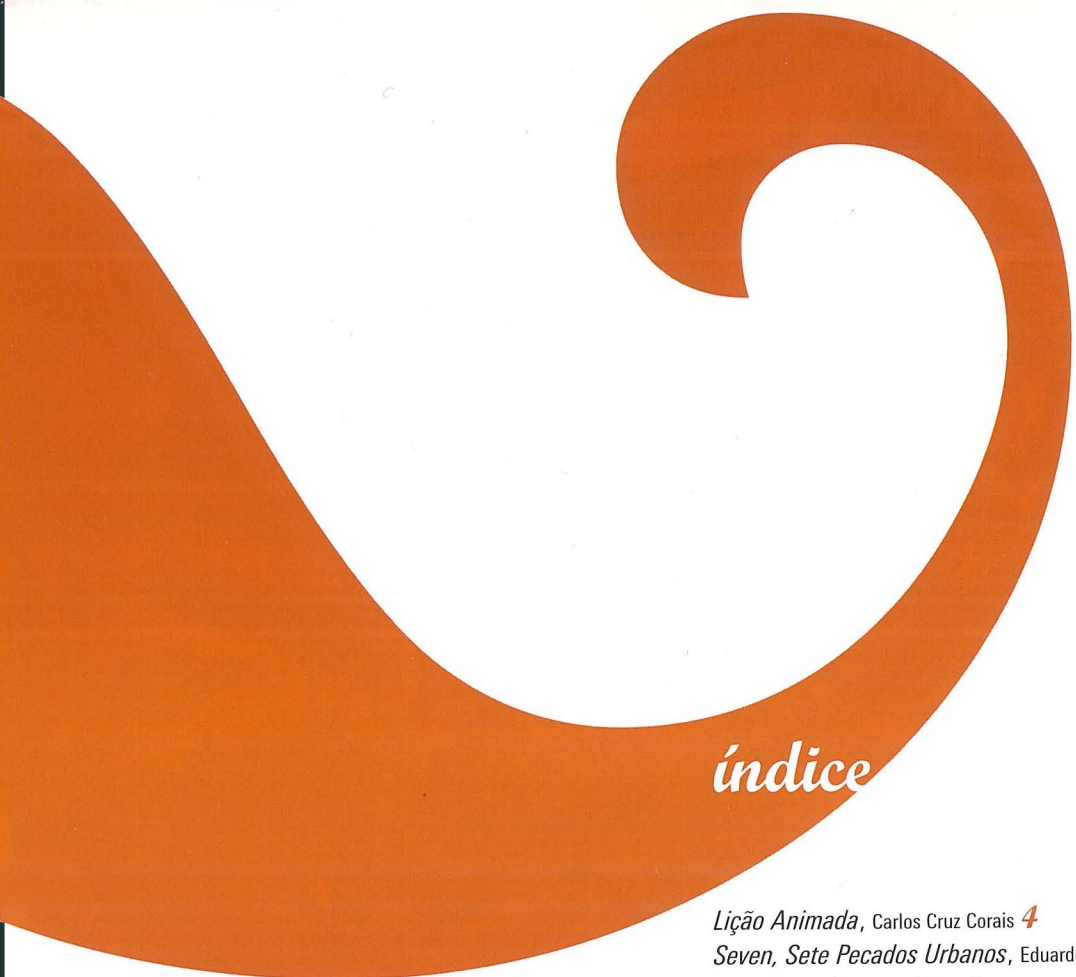


REVISTA DE CULTURA ARQUITECTÓNICA

DEPARTAMENTO AUTÓNOMO DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO MINHO



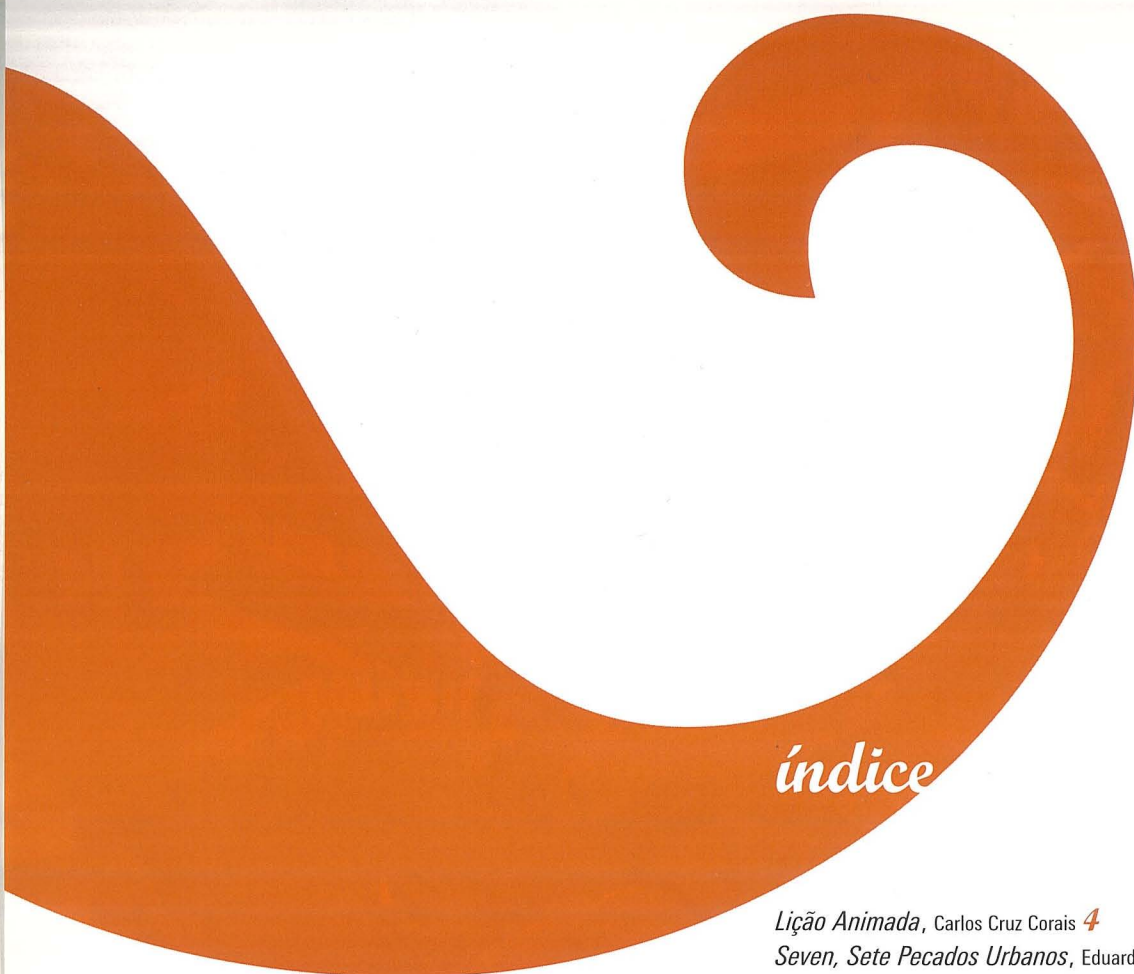
NÚMERO ZERO 2003/04 PREÇO: 7 EUROS



índice

- Lição Animada*, Carlos Cruz Corais **4**
Seven, Sete Pecados Urbanos, Eduardo Jorge Fernandes **9**
Mais Estranho que o Paraíso, Francisco Ferreira **24**
Silêncio. Sigurd, João Rosmaninho Duarte Silva **36**
Conquista versus Fundação, Jorge Correia **38**
Traços a preto e branco da Arquitectura Portuguesa,
Jorge Figueira **45**
Os Espaços d'A Capital pelos Artistas Unidos, José Capela **48**
Usar. Screen Chair, Allan Wexler, Samuel Guimarães **53**
A Investigação Espacial na Arquitectura Contemporânea,
José Miguel Rodrigues **56**
La Oreja de Van Eyck, Luis Gil Pita **62**
Projecto da Quinta de Bouçós, Nuno Brandão Costa **66**
Astro Not, Paulo Freire Almeida **74**
Um Olho na Parte Superior da Pirâmide, Pedro Bandeira **82**
O Desenho no Projecto, Suzana Vaz **89**
Notas sobre a Condição da Paisagem Italiana, Vincenzo Riso **107**
Ficha Técnica **112**

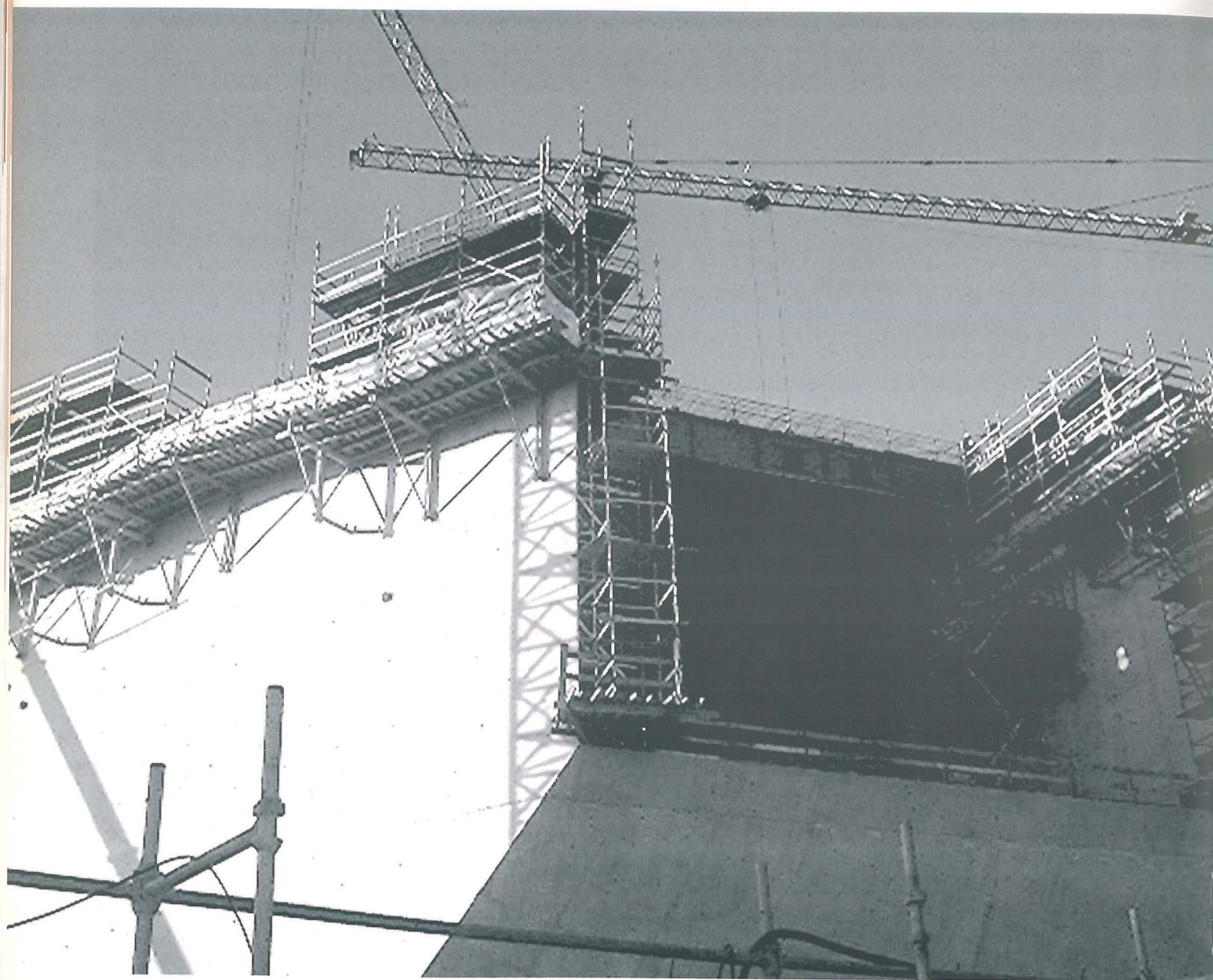
Laura é o número zero de uma publicação editada pelos docentes do Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, o que não será o mesmo que dizer que é uma revista de arquitectura; será, antes, um projecto com uma temática dispersa no campo da cultura arquitectónica. Num momento em que o território da arquitectura se dilui; em que o seu pensamento se regozija, distante de uma materialidade; restará aceitar tranquilamente o que nos anos 60 parecia uma provocação: tudo é arquitectura. (?)



índice

- Lição Animada*, Carlos Cruz Corais **4**
Seven, Sete Pecados Urbanos, Eduardo Jorge Fernandes **9**
Mais Estranho que o Paraíso, Francisco Ferreira **24**
Silêncio. Sigurd, João Rosmaninho Duarte Silva **36**
Conquista versus Fundação, Jorge Correia **38**
Traços a preto e branco da Arquitectura Portuguesa,
Jorge Figueira **45**
Os Espaços d'A Capital pelos Artistas Unidos, José Capela **48**
Usar. Screen Chair, Allan Wexler, Samuel Guimarães **53**
A Investigação Espacial na Arquitectura Contemporânea,
José Miguel Rodrigues **56**
La Oreja de Van Eyck, Luis Gil Pita **62**
Projecto da Quinta de Bouçós, Nuno Brandão Costa **66**
Astro Not, Paulo Freire Almeida **74**
Um Olho na Parte Superior da Pirâmide, Pedro Bandeira **82**
O Desenho no Projecto, Suzana Vaz **89**
Notas sobre a Condição da Paisagem Italiana, Vincenzo Riso **107**
Ficha Técnica **112**

Laura é o número zero de uma publicação editada pelos docentes do Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, o que não será o mesmo que dizer que é uma revista de arquitectura; será, antes, um projecto com uma temática dispersa no campo da cultura arquitectónica. Num momento em que o território da arquitectura se dilui; em que o seu pensamento se regozija, distante de uma materialidade; restará aceitar tranquilamente o que nos anos 60 parecia uma provocação: tudo é arquitectura. (?)



• José Miguel Rodrigues *

A investigação espacial na arquitectura contemporânea

A investigação em arquitectura não se esgota na pesquisa da complexa teia de relações e motivos que suportam determinadas opções de projecto. A arquitectura contém em si mesma determinados instrumentos e métodos orientados para a investigação da sua própria matéria de trabalho. Desde o movimento moderno que o espaço é abertamente um dos seus principais materiais de investigação e pelo menos, desde do Renascimento, o desenho um dos seus principais instrumentos. As várias formas como o desenho tem suportado a investigação em arquitectura mostram como o seu valor instrumental pode variar em função da matéria sobre a qual incide a investigação.

Este texto resulta de uma reflexão a propósito de um Encontro sobre Arquitectura, organizado por estudantes do curso de História de Arte. Este evento que decorreu no Porto em Novembro de 2002 pretendia reflectir sobre a arquitectura do século XX na cidade. Num dos formatos do Encontro propunha-se aos participantes a visita a edifícios com uma forte componente de visibilidade e participação pública na cidade. Nesses edifícios programaram-se Intervenções nos seus espaços após as quais se seguia uma Conversa sobre a performance realizada e a obra arquitectónica que se constituía como o pretexto para a intervenção. Ou seja, quando a arquitectura parecia poder vir a constituir o centro do Encontro as sessões de Intervenção+Conversa recolocavam-na como simples suporte da nossa experiência vivencial. Questionando a relevância da função e exacerbando as suas qualidades sensitivas estas sessões reorientavam a nossa reflexão para determinados motores da génese arquitectónica.

A sessão na obra da Casa da Música em cuja Conversa participei levou-me a reflectir sobre a investigação espacial e muito concretamente sobre o modo como a arquitectura contemporânea tem vindo a abordar este tema. A ideia que vou procurar desenvolver resulta da leitura de um interessante livro de Peter Collins sobre a génese do movimento moderno. Nesse livro de 1965, Collins procura provar como os temas principais da arquitectura do movimento moderno são uma conquista do século XX, possível graças aos avanços tecnológicos deste período, mas cuja origem teórica remonta a meados do século XVIII. Para Collins esta origem remota teórica





é quase mais relevante do que a origem próxima tecnológica. Mas este não é o aspecto mais importante para o tema que me suscitou a semana da História da Arte.

O que me interessa referir do livro de Collins é uma hipótese segundo a qual o fascínio e o interesse do homem do Romantismo pelas ruínas de edifícios da Idade Média (mosteiros e outros edifícios sobretudo da época medieval) significava, ou mais precisamente, constituía, um indício da procura de um novo conceito espacial, na arquitectura. Collins, afirma que o interesse romântico pela ruína medieval é sobretudo estético, mais do que arqueológico. Os edifícios clássicos caracterizam-se pela rigidez espacial e pela limitação na construção de inter-relações entre espaços, que estava, na época, dependentes de vãos limitados de janelas, portas ou pórticos colunares limitados no espaçamento. Até aqui, nada de novo.

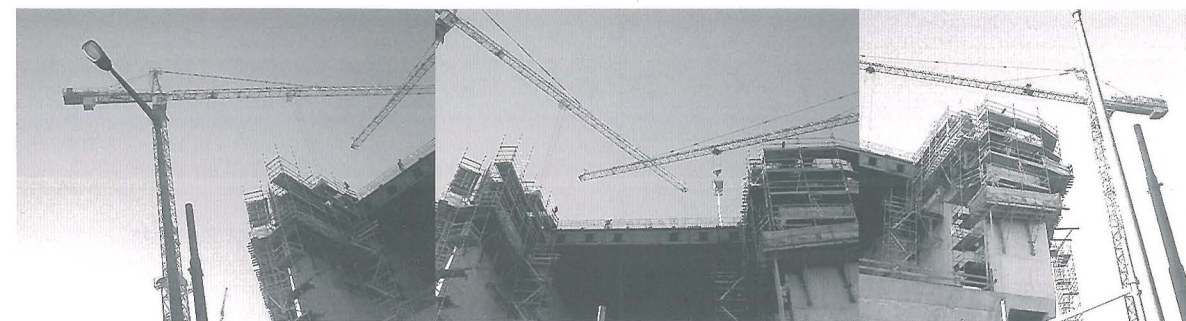
Mas após 1730, os decoradores do Rocóco, procuram explorar determinados efeitos visuais na percepção espacial. No Renascimento esta exploração óptica tinha sido procurada através do uso da perspectiva cónica nas pinturas Tromp l'oeil. No Rocóco, esses decoradores, aplicavam sistematicamente nos espaços a onde intervinham, espelhos colocados em paredes opostas, provocando o seu prolongamento espacial e, simultaneamente, obtendo efeitos cinéticos, interactivos, decorrentes da reflexão do movimento das pessoas no espaço. Ou seja, o que no renascimento prolonga o espaço de um modo estático, não adaptável à mudança do observador, no Rocóco torna-se num efeito interactivo.

Mas no interesse romântico pela ruína, Collins vê o culminar numa investigação em torno da transparência e da possibilidade por ela permitida no prolongamento espacial já que o espaço em ruínas permite a relação entre espaços originalmente não comunicantes, pelos rombos existentes nas suas grossas paredes, pela falta da cobertura, permitindo a percepção de espaços vocacionadamente interiores invadidos pela presença do céu, pela transparência entre espaços só possível de realizar numa arquitectura não arruinada com os grandes panos envidraçados do movimento moderno.

Este autor refere como o interesse romântico pela ruína assume um carácter arquitectónico mais do que arqueológico, ao ponto de ser considerado por Sigfried Giedion, o historiador pioneiro e panfletário do movimento moderno, como o antecedente conceptual do espaço arquitectónico moderno.

A ideia é que o fascínio romântico pela ruína simboliza e, indicia, a procura de novos conceitos de espaço que são por fim tornados possíveis pelo movimento moderno, na arquitectura, seja pelas novas possibilidades tecnológicas pós-revolução industrial, seja pela influência das vanguardas artísticas.

As sessões de Intervenção+Conversa programadas pelos estudantes de História da Arte decorreram em edifícios que se consideraram significativos para a História da Arquitectura da Cidade: a Garagem do Comércio do Porto de Rogério de Azevedo, o Hotel D. Henrique de J. Carlos Loureiro e a futura Casa da Música de Rem Koolhaas. Esta última "Obra" escolhida, e com a palavra obra podemos admitir múltiplos significados – obra enquanto espaço em construção, obra enquanto artefacto artístico ou obra enquanto percurso na actividade de um autor – é indicia-



dora de dois aspectos interessantes. Por um lado é reveladora da importância do presente na construção da História, considerado como o seu principal motor. Por outro lado, e se pensarmos que cada um dos edifícios foi descontextualizado em relação ao seu uso natural (garagem, hotel e estaleiro) verificamos que no caso da Casa da Música a descontextualização só se torna possível na medida em que o edifício se encontra em construção. Ou seja, é o facto deste ainda não ser uma casa da música que torna possível a descontextualização da Intervenção (cenográfica, musical, sensorial, etc.) que tivemos oportunidade de assistir no piso -1 do edifício.

Na nossa opinião um certo fascínio da arte pelos espaços não especificamente pensados para a sua manifestação assim como, uma certa relutância da arte contemporânea em se apropriar das condições extremas (rígidas, pré-concebidas) da maioria dos espaços que formalmente foram concebidos para esse fim são sintomáticos da procura de novas qualidades espaciais na arquitectura. E neste sentido, hoje como no início do século XX a arquitectura tem ser capaz de transformar estes sinais na sua própria matéria de investigação e trabalho.

No espaço em construção da Casa da Música, uma espécie de oposto do conceito de ruína, pudemos assistir a uma performance comparável à intervenção do decorador do Rocóco. E este interesse súbito pelas qualidades espaciais do piso -1 da futura Casa da Música, enquanto lugar para a manifestação da arte, pode, no meu ponto de vista, ser um importante indício da procura de um novo tipo de espaço, que a arquitectura contemporânea está já em condições de perseguir e que a arquitectura pós-contemporânea seguramente atingirá.

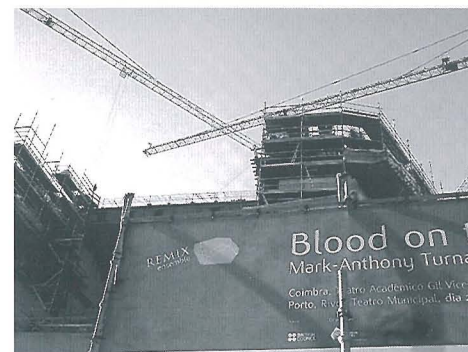
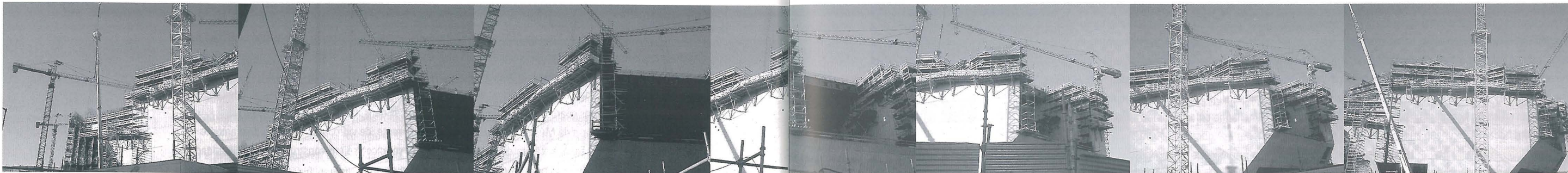
Mais, o próprio projecto da Casa da Música é, em si mesmo, uma procura dessas novas possibilidades espaciais, em determinados aspectos coarctada pelas limitações tecnológicas da construção, em arquitectura.

A alteração da ideia da Casa da Música como um prisma transparente, de vidro, uma metáfora do diamante, para um prisma opaco, de betão, a metáfora do mineral, que agora se encontra em construção, ou a dificuldade na compatibilização do grande vão envidraçado sobre o leão e a águia da rotunda com o comportamento acústico da sala para concertos, são exemplos dessa decalage entre as possibilidades de um tempo e os anseios da arquitectura, desse mesmo tempo.

Para concluir, diria que o nosso interesse pelo estaleiro da Casa da Música, enquanto lugar para a manifestação da arte, pode querer significar a procura de um novo conceito arquitectónico, cuja natureza e qualidades sensíveis estão presentes neste espaço, mas cujas possibilidades de materialização ainda nos encontramos a investigar. E nesse sentido, o projecto da Casa da Música representa, a meu ver, um importante passo nessa longa e interminável procura.

Porto, 7 de Janeiro de 2003

* Arquitecto, docente da F. A. U. P.



Fotografias: G. Hulk